

O trauma dos sobreviventes: Um processo de “passagem” (do luto à luta)

Paulo Henrique Laurencio¹

Resumo: Quando uma pessoa, grupo ou comunidade é submetida a determinada experiência de violência, tragédia, abuso, uma ferida se abre. O trauma é essa ferida que o humano sofre diante de uma desumanidade, vivida pessoalmente ou testemunhada diante da dor do próximo. A comunidade cristã primitiva viveu o trauma de ter seu líder e amigo torturado até a morte, e só pôde superar essa ferida por meio de um processo de “passagem”. A partir do pensamento de Carlos Mendoza-Álvarez sobre o tema, por meio de pesquisa bibliográfica, busca-se aqui ler o processo vivido pelas vítimas de Brumadinho de superação do trauma em relação à tragédia-crime à qual foram submetidas, à luz da comunidade cristã primitiva. Ao final, faz-se ver como a atenção aos corpos, o rito, a celebração, a busca por justiça e o fazer memória constituem um caminho de passagem “do luto à luta”, tendo no centro a causa das vítimas.

Palavras-chave: Trauma. Brumadinho. Luta. Teologia. Carlos Mendoza-Álvarez.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um trabalho que teve como ponto de partida as narrativas das vítimas do trágico crime que se deu no dia 25 de janeiro de 2019, em Brumadinho. Seguindo o método presente nas principais bibliografias da pesquisa, ao testemunharmos como as comunidades vulneradas vivem seu luto, percebemos que a dimensão do trauma merecia especial atenção. De tal modo, objetivamos evidenciar como que grupos e pessoas viviam esse caminho de dor e sofrimento e destacar pontos importantes que favoreceram, e ainda favorecem, o alcance da superação. Evidenciar processos de superação se faz necessário pois possibilita fortalecer iniciativas que amenizam as consequências do trauma vivido por muitas famílias e, conseqüentemente, evitar caminhos que não ajudam. Para isso, além de trazer presente as memórias das vítimas arquivadas em diversos sítios, usamos como base para a reflexão teológica o pensamento de Carlos Mendoza-Álvarez, a partir do livro *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*.

Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, elegemos o livro de Carlos Mendoza-Álvarez como referência teológica pelo fato de trazer um olhar aprofundado e pertinente para a realidade de vítimas sistêmicas, mostrando-se perfeitamente aplicável no caso de Brumadinho a fim de permitir uma adequada leitura do testemunho das vítimas. Já o

¹ Formado em direito, pela Faculdade Dom Hélder e em filosofia, pelo ISTA, bacharel em teologia pela FAJE (curso concluído no final de 2023). Bolsista do PIBIC (CNPq), sendo acompanhado pelo Projeto de Pesquisa “As interfaces da antropologia na teologia contemporânea”, que deu origem ao Grupo de Pesquisa de mesmo nome, liderado pelo Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori, certificado pelo CNPq. E-mail: paulolaurencio@yahoo.com.br

acesso às narrativas de situações vivenciadas pelas comunidades vulneradas, além do livro *Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam*, de Julia Castello, que contém vários relatos, consideramos autênticos testemunhos presentes em sítios digitais.

Assim, para atingir os objetivos almejados, o presente artigo se divide em três partes. Em um primeiro momento, buscamos evidenciar o processo vivenciado a partir das próprias vítimas, sem ainda fazer análises propriamente teológicas, o que se dá na segunda parte. Nesta, principalmente a partir de Carlos Mendoza-Álvarez, buscamos ler o que vivenciou a comunidade cristã primitiva enquanto comunidade traumatizada. E assim, na terceira parte, voltamos novamente nosso olhar para a comunidade de Brumadinho, percebendo como que ali também acontece algo análogo ao que se passou na comunidade cristã primitiva, especialmente quando recordam seus mortos e dão seguimento à sua causa.

1 O TRAUMA: UM OLHAR A PARTIR DAS VÍTIMAS DE BRUMADINHO

Nosso projeto de pesquisa parte das vítimas. De reconhecê-las, ouvi-las. Mesmo conviver com elas naquilo que resultou possível, ainda que anonimamente, como se deu no ônibus a caminho de Brumadinho ou na praça/rodoviária, no dia 25 de janeiro de 2023, quando se completaram quatro anos do evento traumatizante. Essa perspectiva coincide com a de nossas referências bibliográficas, seja ao entrevistar e agir jornalisticamente (GOULART, 2020, p. 9), seja no fazer teológico em que os horizontes se entrelaçam (SOBRINO, 2000, p. 18) ou, fundamentalmente, na ampla reflexão feita por Carlos Mendoza-Álvarez a partir das vítimas (2020): a história precisa ser contada e refletida a partir das vítimas, das comunidades vulneradas.

E antes de se dizer algo a seu respeito, é preciso deixar que a sabedoria e a esperança dos pobres e vulnerados surjam, de modo que seja possível aprender deles e, aí sim, refletir a partir de sua prática, participando dela. É nesse sentido que, não cabendo evidenciar aqui detalhadamente todas as vivências das vítimas de Brumadinho, destacaremos alguns elementos que favoreçam uma posterior reflexão pela qual se permita falar em ressurreição como superação do trauma nos dias de hoje.

Nessa perspectiva, o primeiro passo é voltarmos ao dia 25 de janeiro de 2019 e aos dias que se seguiram imediatamente. Quando recorremos às fontes que guardam preciosa memória dos sobreviventes, um dos elementos que chamam a atenção, coerentemente com a ideia de trauma, é que praticamente todos sabem ao certo onde estavam e o que faziam no momento do ocorrido. Somado a isso, a primeira reação: de tentar chamar por telefone àquele ente que provavelmente estaria nos lugares atingidos (GOULART, 2020, p. 22). Depois, a partir do relato dos sobreviventes e entes próximos, é possível perceber o drama e o horror daqueles instantes, nos quais desespero e esperança se misturavam.

Quando ainda não se tinha plena clareza do que se passava, além de todo sofrimento pelos desaparecidos, havia o receio de que a catástrofe se repetisse naquelas horas seguintes. As pessoas se viam entre novas sirenes reais e outras disparadas mentalmente, acionadas

pelo medo e trauma, mas que fatidicamente não tocara quando deveria (GOULART, 2020, p. 43 e 63). A imagem daquele dia ficou impregnada na memória dos atingidos de modo que o trauma se fez expressar como “25 é todo dia” (AEDAS, 2023b). Inclusive, Dom Vicente Ferreira, bispo que se dedicou especialmente ao cuidado e acompanhamento das vítimas, concretizou trauma e esperança em um livro “de crônica poética” exatamente com esse título, “Brumadinho: 25 é todo dia” (2020).

Depois, à medida que as vítimas sobreviventes iam aparecendo e o passar do tempo tornava remota a possibilidade de salvamento dos demais desaparecidos, o drama se estendia pela busca ao menos dos corpos dilacerados (GOULART, 2020, p. 151). A ausência material dos corpos fazia o sofrimento crescer e as pessoas viverem um luto incerto e im-possível; basta, como exemplo, considerar que, quase quatro meses após o crime da Vale, ainda estavam desaparecidas ao menos 30 pessoas (GOULART, 2020, p. 200). Ficou forte a ideia de que se não buscavam por restos mortais, mas por tesouros, que até hoje é expressa em “272 joias” que foram soterradas (AEDAS, 2023b).

A imagem desses dias passaram a povoar o coração das famílias sobreviventes que, enquanto tentavam assimilar a ausência de seus entes mais queridos, tinham que lidar com as incertezas que dificultavam propriamente o luto: além das dificuldades na busca e reconhecimento dos corpos, havia o medo de novo rompimento de barragem e a sádica realidade que fazia a ferida reabrir a cada dia, já que eram cotidianos os obstáculos postos pela própria empresa, levando pessoas até o extremo do suicídio (REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO, 2021).

Essas situações nos permitem compreender, ainda que parcialmente, a dimensão do trauma vivido pelas comunidades vitimadas. Suas narrativas dos fatos e das experiências nos colocam diante da definição que Carlos Mendoza-Álvarez destaca, quando considera o trauma referindo-se à comunidade ou pessoa que “experimentou, testemunhou ou foi confrontada com um acontecimento ou vários acontecimentos que incluem morte ou ameaça de morte ou alguma ferida severa, ou que tenha vivido uma grave ameaça à integridade física própria ou de outras pessoas” (GIBEROVITCH, in MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p. 152).

E não restam dúvidas que a memória sempre presente daquele dia 25 e suas consequências mudaram a vida daquela comunidade. No entanto, não ficaram atoladas nesse trauma. Um processo de “passagem” vivenciado pelas vítimas, com avanços e retrocessos, permitiu que fossem capazes de dar início a uma transformação da dor de cada pessoa em partilha, solidariedade e luta, rumo a uma comunhão restauradora (FERREIRA, 2022).

Apesar desse processo não ser nem acabado nem linear, a perspectiva defendida por Dom Vicente, de passagem “do luto de cada um à luta comum” já pode ser observada no meio daquela comunidade vulnerada, quando no presente já começam viver sinais de ressurreição. Se é verdade que alguns podem ficar rendidos no abandono, há toda uma comunidade que toma consciência do desamparo e parte em busca de dias melhores (FERREIRA, 2022, p.6).

Um feliz exemplo é o caso das mulheres. Elas foram especialmente marcadas pela dor e depressão diante da morte de seus entes, além dos impactos em outras dimensões de suas vidas; basta mirar os dramas envolvendo a saúde mental, inclusive tentativas de suicídios registrados no primeiro semestre de 2019 em Brumadinho (GOULART, 2020, p. 16). No entanto, a partir do monitoramento de gênero da Aedas (Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social), verifica-se que são as mulheres a grande maioria envolvida na luta pela causa de suas vítimas (AEDAS, 2023c).

Embora isso se mostre com bastante clareza na passagem do luto das mulheres de Brumadinho, a comunidade de modo geral vem aprendendo a ressignificar e mesmo celebrar a vida de seus mortos de vários modos, fundamentalmente passando pela arte e pela fé. Um dos últimos e significativos momentos se deu no dia 25 de janeiro de 2023, em que a comunidade se uniu em romaria marcada pela memória, esperança e exigência de justiça (AEDAS, 2023a).

De tal modo, fica evidente como, embora boa parte das vítimas não faça teologia academicamente falando, sua prática e experiência iluminam àqueles que se dedicam aos estudos de tal dimensão da vida. E é nesse sentido que nos oferecem uma chave de leitura também na presente pesquisa. Nessa relação entre a reflexão teológica e a vida das vítimas, Jon Sobrino nos ajuda trazendo a proposta do entrelaçamento de horizontes, entre a fé das vítimas e a dos pensadores.

De tal modo, o sofrimento e a esperança das vítimas podem abrir os olhos das não-vítimas, quando se encontram na solidariedade, para verem as coisas de outra maneira. Pode ser que a visão do estudante de teologia não coincida propriamente com a das vítimas. Porém as vítimas nos oferecem luz para ver o que se costuma chamar de objetos da teologia. O autor vai dizer, que “os pobres e as vítimas, trazem à teologia algo mais importante que conteúdos: trazem luz para que os conteúdos possam ser vistos adequadamente” (SOBRINO, 2000, p.18).

De tal sorte, quando olhamos para as vítimas de hoje, aquelas que estão mais ao alcance de nossos olhos, e na perspectiva deste trabalho, quando olhamos para a comunidade de Brumadinho, escutando o grito e o testemunho que parte dali, algo nos remete ao que viveu também a comunidade cristã primitiva. E pode ser que, ao olhar o que se passou na comunidade cristã primitiva, nosso olhar possa enxergar melhor o que se tem passado, o que está em curso, na comunidade presente das vítimas de Brumadinho.

2 UMA RELEITURA DO TRAUMA VIVIDO PELA COMUNIDADE CRISTÃ PRIMITIVA

Como sugeriu Sobrino, ouvir as vítimas nos coloca em condição privilegiada para poder perceber melhor e com mais qualidade o que a revelação dada em Jesus nos diz. De tal modo, a experiência traumática vivenciada em Brumadinho, quando dada especial atenção ao que dizem suas vítimas, faz pertinente uma volta aos textos neotestamentários de maneira

que se pode perceber ali também uma comunidade que passou por semelhante experiência de dor, mas que lhe foi possibilitada a superação.

Ao trabalhar a realidade de comunidades vulneradas nos dias atuais, seguimos a proposta de Mendoza-Álvarez de olhar para a comunidade jesuânica, do início do primeiro século de nossa era, como uma comunidade confrontada com o horror de ver seu amigo e líder torturado até a morte, num assassinato, evento em que uma vítima inocente é executada (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p.144-145). Tratou-se de um trauma na comunidade primitiva. Seja pelo próprio horror da tortura e execução, mas também pelos seus desdobramentos, inclusive a contradição aparente que isso implicava diante das promessas messiânicas. Somado, havia ainda a culpa por parte dos discípulos, por terem abandonado o amigo na hora da morte.

O autor, porém, também destaca o modo muito próprio das mulheres terem vivenciado aquele trauma da paixão e morte de Jesus. Além de terem permanecido junto à cruz (Mc 15,40), diante do fato de não terem podido realizar a limpeza e unção do cadáver por conta do *Shabbat*, as mulheres vão ao túmulo assim que possível (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p.272). Vale destacar que naquele contexto havia uma forte relação entre a realidade feminina e a realidade da morte, “a lamentação, o choro, a unção do falecido, o cuidar do local onde o falecido foi sepultado, tudo isso era confiado a mulheres” (SCHILLEBEECKX, 2018, 342).

Queremos pontuar que a comunidade cristã primitiva teve de aprender, dentro de sua experiência que aqui denominamos “passagem”, a lidar com seu trauma. Houve uma passagem do horror, do medo, da dispersão, do isolamento para o reencontro em Jerusalém, a superação da culpa. Mendoza-Álvarez nos ajuda a ver que essa passagem de superação de uma ausência se deu por meio da simbolização e ritualização da palavra e das obras de Jesus (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p.145). E nesse contexto, além da superação do sentimento de culpa ligada à infidelidade diante cruz por parte dos discípulos, a postura das mulheres na comunidade, no seu modo de viver o luto, através dos rituais e lágrimas, foi essencial na conformação da fé na ressurreição (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p.266).

O contar a história, narrar os acontecimentos vai ajudando a entender o que ocorreu e ir fazendo a passagem do horror paralisante e amedrontador a uma força que permite prosseguir na causa das vítimas. A própria comunidade de Jesus, vai dizer Mendoza-Álvarez, “se encarregou da escritura da história de sua vida, após o trauma da sua execução. E nessa escritura da história aquela comunidade em luto se autocompreendeu como continuadora de sua obra” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 224).

Mendoza propõe que, essa experiência de passagem e superação vivida pelos discípulos de Jesus, na comunidade primitiva, acontece de modo análogo “com todos os sobreviventes da violência no mundo quando recordam seus mortos” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 145). O judaísmo moderno, por exemplo, “procurou ressarcir o mal padecido pelo povo, ajudando-o assim a integrar seu trauma coletivo através da memória, dos relatos e da exigência de justiça restaurativa” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.140).

Ou ainda, os povos originários de nossa América Latina, numa perspectiva dos seus ancestrais que, embora vitimados, permanecem em contado, apelando à continuidade da causa. De modo que “o mundo dos mortos interpela os vivos como a quem agora têm a responsabilidade irrenunciável de rememorar, recordar e ritualizar a comunhão com esses ancestrais que se foram, mas ao mesmo tempo, mantêm vínculos com a comunidade que os rememora” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p.143). Essas considerações têm ajudado na leitura do trauma vivido por muitas pessoas e comunidades ainda hoje. Nossa intuição neste trabalho é que isso se passa igualmente na comunidade de sobreviventes de Brumadinho.

3 DO LUTO À LUTA: SINAIS DE RESSURREIÇÃO NA COMUNIDADE MARCADA POR UM TRÁGICO CRIME

Assim sendo, considerando o trauma vivenciado pela comunidade de sobreviventes de Brumadinho e que nos ajuda a olhar melhor os temas fundamentais da vida a partir das vítimas, lançando luzes, de repente vemos a comunidade cristã primitiva fazer uma experiência de passagem enquanto comunidade vulnerada a partir da traumatizante morte de seu mestre. A experiência pascal dos discípulos vai do luto e a falta de esperança até o reencontro e a descoberta de uma causa comum, que é a causa do crucificado-ressuscitado. E com esses óculos, voltamos o olhar para a comunidade de Brumadinho, ao caminho de passagem que têm feito, do trauma que marca o luto, com muitas fragilidades individuais, a um caminho de superação, no reencontro em torno da causa que suas “joias” e realidade socioambiental evocam.

De modo sintético, mas indo naquilo que temos intuído a partir do contato com o que se passa na comunidade de sobreviventes de Brumadinho, gostaríamos de nos basear nos três momentos que Carlos Mendoza-Álvarez traz de uma experiência no continente americano, no acompanhamento de vítimas sistêmicas. Numa perspectiva em que “a própria vulnerabilidade é assumida como lugar epistêmico e espiritual de encontro com os outros”, tem-se: a vulnerabilidade compartilhada, resistência entretecidas e a celebração da vida (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p. 78). Parece-nos que a comunidade de Brumadinho faz esse caminho.

No primeiro momento, passando pelo trauma de cada um e suas consequências, há uma saída de seu próprio sofrer e se torna possível o encontro com o outro que também é sobrevivente das vítimas. No texto de Dom Vicente, já mencionado anteriormente, quando fala da consciência do desamparo como uma angústia que leva à mudanças, a vínculos de afeto e encontro entre famílias e vizinhos, vai afirmar que o “reconhecimento do desamparo pode produzir, entre os desamparados, desejos de mudanças. Daí emergem as várias lutas pela justiça, por exemplo” (FERREIRA, 2022, p. 6). O acompanhamento desse momento ajuda no processo de ir recuperando as narrativas de vulnerabilidades de cada pessoa e do grupo, que podem ser compartilhadas uns com os outros no caminho na busca da dignidade, justiça, verdade e esperança (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p. 80).

Isso acontece entre as vítimas de Brumadinho quando uma boa parte da comunidade se propõe a encontrar e falar dos dramas vividos. E uns vão se reconhecendo nas narrativas

dos outros. Uma das iniciativas interessantes são as rodas de conversas sobre temas pertinentes à realidade das vítimas, promovidas por entidades filantrópicas ou mesmo estatais (PREFEITURA DE BRUMADINHO, 2019). Nesses grupos, como nos demais, as mulheres se mostram bem mais participativas. No caso específico das Rodas de Diálogo, chegam a ser mais de 70% do público (AEDAS, 2023c). Nesse momento inicial, de partilha da vulnerabilidade, o papel de entidades religiosas se fez essencial, de modo especial a Paróquia de São Sebastião, onde desde os primeiros momentos as pessoas passaram a ser acolhidas, tanto no sentido físico, na sede, quanto afetivo. Inclusive, para muitos, o processo de passagem se deu quase inteiramente no âmbito eclesial (GOULART, 2020, p. 78-92).

Já no segundo momento, tendo assumido a própria vulnerabilidade e reconhecido a dos outros, pode-se passar a uma relação de diálogo e solidariedade, em processos de resistências. As vítimas de Brumadinho, no caso, são vítimas do mesmo evento e ao mesmo tempo são vulneradas de modos distintos. Mas precisam de suas resistências entrelaçadas na busca de justiça (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p. 80-81). Um exemplo é a cobrança por conta dos males advindos da poluição da água da região e das doenças dela decorrente. Cada comunidade apresenta numa audiência pública sua situação específica, que tem pontos comuns e distintos, e fazem isso em comunhão (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GÉRIAS, 2022). E como no caso concreto de Brumadinho a violência sofrida não se reduz apenas ao dia 25 de janeiro daquele ano, sendo renovada a cada ano e cada decisão estatal, não é difícil encontrar muitos outros exemplos de luta e resistência nas quais as comunidades vitimadas se veem entretidas.

E por fim, não menos importante, a celebração da vida, como dom e tarefa. Aqui entra aquilo que apontamos seja na comunidade cristã primitiva ou nas comunidades tradicionais: a vítima aniquilada pelos grandes sistemas não desaparece, mas permanece em relação e interpelando os vivos que dela faz memória, inclusive se reunindo em torno de sua causa.

Então, “os símbolos religiosos, ritos funerários e orações pelos desaparecidos” ganham “uma dimensão espiritual e, ao mesmo tempo, política”. Tornam visíveis as vítimas do necropoder de modo coletivo e “a vontade de vida das pessoas e comunidades de sobreviventes”. Além disso, o momento simbólico-celebrativo tem a função de luto para os sobreviventes na busca talvez possível (im-possível) de superação do trauma e mesmo de uma cura coletiva da ferida causada, no caso concreto, pela mineração. Essa celebração da vida traz a dimensão espiritual daqueles que não aceitam que a morte trazida pela lama seja a última palavra (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2019, p. 82-83). Por isso, é política essa celebração: que não aceita pular para o perdão sem antes confrontar o algoz com a verdade e promover reparação, só possível se a causa de suas vítimas se tornar também (quem sabe) a dos algozes.

Embora tenhamos apresentado os três momentos numa sequência, parece-nos claro que na vida as coisas não se dão necessariamente numa única ordem, principalmente em se tratando de traumas tão complexos. No caso de Brumadinho, como a violência é reiterada, os momentos vão se alternando muitas vezes. Os momentos de lamento e celebração

acompanham as vítimas desde os primeiros instantes e a busca pelos corpos, as cerimônias fúnebres, o grito de denúncia e o lampejo de esperança se cruzam. Todos os anos, e também em outros momentos, as comunidades se reúnem e caminham em romaria, recordando “suas joias” e dando sequência à sua causa no cotidiano da vida. O lugar onde buscavam por cadáveres, assim como na comunidade cristã primitiva, volve-se em lugar que aponta para a transformação, fazendo memória e convocando à superação do trauma e do sistema que sacrifica suas vítimas deliberadamente.

As vítimas fazem resistência, acolhem-se e celebram lembrando seus mortos e contando suas histórias. Há canais nas redes sociais e outros veículos de comunicação, os quais acessamos nesta pesquisa, e também momentos celebrativos nos quais os sobreviventes podem descobrir o sentido e reencontrar a esperança partilhando histórias e transformando a dor em poesia. A música “Lamento” (GOULART, 2020, p. 88-92), composta pelo Bispo que cuidava da região naquele tempo, é um forte exemplo em que a recordação, a atualização e a esperança se encontram. As vítimas de hoje vivem uma passagem análoga àquela que viveu a comunidade vitimada dos primeiros cristãos, e de algum modo já são capazes de viver aqui algo da ressurreição.

CONCLUSÃO

Assim, podemos concluir que as vítimas e seus sobreviventes fazem um processo de passagem, no qual lágrimas e sofrimento por conta da violência sofrida por seus entes são transformados em esperança e ânimo para permanecer na luta. Ainda que, num primeiro momento, o peso da lama parece ter atolado tanto os que se foram quanto aqueles que ainda permanecem nesse mundo, as comunidades são capazes de se deixarem transformar no decorrer do caminho.

Esse processo, de passagem de um luto pesado e individual a uma perceptiva de luta comum, pode ser visto inicialmente a partir da partilha da vulnerabilidade dos sobreviventes que tornam comum o pulsar de cada coração. Esse encontro gera consciência do desamparo e coragem para fazer da causa de seus mortos processo de ressurreição já aqui. Assim, da vulnerabilidade nasce resistência e transformação.

Embora o caminho seja longo, no qual conquistas e retrocessos vão se alternando, os sobreviventes celebram a vida. Narram os fatos, fazem memória de cada “joia” perdida, resignificam a ausência, transformam as lágrimas em comunhão. A partir da escuta das vítimas, perspectiva deste presente artigo, pode-se aprender da sabedoria das comunidades vulneradas e fortalecer iniciativas de superação em um mundo que não para de gerar aniquilamento.

REFERÊNCIAS

AEDAS. *Memória, Justiça e Esperança*: confira programação de atividades para o dia 25 de janeiro. 19 jan. 2023a. Disponível em: <https://aedasmg.org/programacao-4-anos-rompimento-brumadinho/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

AEDAS. *Vozes do Paraopeba* – 14ª edição: 25 de janeiro é todo dia. 23 jan. 2023b. Disponível em: <https://aedasmg.org/14-edicao-vozes-do-paraopeba/>. Acesso em 25 ago. 2023.

AEDAS. Capítulo 3: Dossiê Temático aborda o protagonismo político e social das mulheres atingidas no processo de Reparação Integral na Região 2. 04 ago. 2023c. Disponível em: <https://aedasmg.org/dossies-perfil-das-mulheres-atingidas-cap3-r2/>. Acesso em 25 ago. 2023.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GÉRIAS, 2022. <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Contaminacao-de-moradores-de-Brumadinho-e-exposta-em-audiencia/>

FERREIRA, Dom Vicente. *Brumadinho: 25 é todo dia*. São Paulo: Expressão Polupar, 2020.

FERREIRA, Dom Vicente. Brumadinho, passar “do luto de cada um à luta comum”. *IHU*, 26 jul. 2022. Acesso em 26/08/2023: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620670-dom-vicente-ferreira-brumadinho-passar-do-luto-de-cada-um-a-luta-comum>

GIBEROVITCH, M. Recovering from Genocidal Trauma: An information and Practice Guide for Working with Holocaust Survivors. In MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 152.

GOULART, Julia Castello. *Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MENDOZA-ÁLVAREZ, C. *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Petrópolis: Vozes, 2020.

PREFEITURA DE BRUMADINHO, 2019. Acesso 26/08/2023. https://brumadinho.mg.gov.br/noticias_detalhes/psf-promove-roda-de-conversa-com-os-moradores-do-tejuco/29869/

REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO. *Viúvas, mãe e filha têm sonhos e lembranças soterrados na lama da Vale*. Youtube, 05 de fevereiro de 2021. Acesso em 26/08/2023: <https://www.youtube.com/watch?v=plSF5s0Ezz8>

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: A história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2018.

SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. Tradução de Ephraim F. Alves. 1º cap